

 **Educação para a liberdade em Paulo Freire:  
desafios e perspectivas em tempos de construção da  
resistência**

*Rubens Luiz Rodrigues\**

**Resumo:** Este artigo analisa a educação para a liberdade em Paulo Freire, considerando seus desafios e perspectivas em tempos de construção da resistência. Considera-se que as formulações freireanas de uma educação para a liberdade permitem a mobilização e a organização das lutas x se manifestam no contexto da crise do Capital. O artigo cumpre os seguintes objetivos na análise dos contributos de Paulo Freire: abordar sua atuação política e intelectual em favor de uma educação para a liberdade; destacar as influências do pensamento social em sua formulação crítica de educação e identificar os eixos teórico-políticos de sua concepção de uma educação para a liberdade para a construção da resistência. Realizou-se uma revisão bibliográfica que se fundamentou na análise de obras de Paulo Freire, de produções que repercutem sua atuação política e intelectual e de sistematizações que se apropriam das formulações teórico-metodológicas freireanas. As referências nas contribuições de Paulo Freire guardam a educação como ato inerentemente humano, traduzindo a liberdade como fundamento ontológico do ser social, que se relaciona com os processos pedagógicos orientados pelo diálogo consciente, crítico, coletivo em favor da transformação.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, Educação, Liberdade.

---

\* Pós-doutor em Educação pela Universidade do Porto - Portugal. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [rubensluizrodrigues65@gmail.com](mailto:rubensluizrodrigues65@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2742561480615281>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3880-7956>.

### **Education for freedom in Paulo Freire: challenges and perspectives in times of resistance building**

**Summary:** This article analyzes the education for freedom in Paulo Freire, considering challenges and perspectives in times of resistance building. It is considered that Freire's formulations of an education for freedom allow the mobilization and organization of the struggles of the working class, resisting the current advances of an ultraconservative, authoritarian and fascist character that are manifested in the Capital crisis. The analysis fulfills the following objectives in the analysis of Paulo Freire's contributions: to approach his political and intellectual performance in favor of an education for freedom; to highlight the influences of social thought in its critical formulation of education and to identify the theoretical and political axes of its conception of an education for freedom for the construction of resistance. A bibliographic review was carried out that was based on the analysis of Paulo Freire's works, of productions that reflect his political and intellectual performance and of systematizations that appropriate the Freirean theoretical-methodological formulations. The references in Paulo Freire's contributions keep education as an inherently human act, translating freedom as an ontological foundation of the social being, which is related to the pedagogical processes guided by conscious, critical, collective dialogue to the transformation.

**Keywords:** Paulo Freire, Education, Freedom.

### **Educación para la libertad en Paulo Freire: desafíos y perspectivas en tiempos de construcción de resistencias**

**Resumen:** Este artículo analiza la educación para la libertad en Paulo Freire, considerando sus desafíos y perspectivas en tiempos de construcción de resistencias. Se considera que las formulaciones de Freire permiten la movilización y organización de las luchas de la clase trabajadora, resistiendo los actuales avances de carácter ultraconservador, autoritario y fascista que se manifiestan en la crisis del Capital. El análisis cumple los siguientes objetivos: acercar la actuación política e intelectual de Paulo Freire en una educación para la libertad; destacar las influencias del pensamiento social en su formulación crítica de la educación e identificar los ejes teóricos y políticos de su concepción de una educación para la libertad para la construcción de resistencias. Se realizó una revisión bibliográfica basada en análisis de la obra de Paulo Freire, de producciones que reflejan su desempeño político e intelectual y de sistematizaciones que se apropian de las formulaciones teórico-metodológicas freireanas. Los referentes en los aportes de Paulo Freire mantienen la educación como un acto inherentemente humano, traduciendo la libertad como fundamento

ontológico del ser social, que se relaciona con los procesos pedagógicos guiados por el diálogo consciente, crítico, colectivo a favor de la transformación.

**Palabras clave:** Paulo Freire, Educación, Libertad.

## **Apresentação**

Este artigo analisa a educação para a liberdade em Paulo Freire, considerando seus desafios e perspectivas em tempos de construção da resistência. Considera-se que as formulações freireanas de uma educação para a liberdade mobilizam e organizam as lutas da classe trabalhadora para a resistência aos atuais avanços de caráter ultraconservador, autoritário e neofascista que se manifestam no contexto da crise do Capital.

Define-se a seguinte questão para a análise: qual o sentido da educação para a liberdade em Paulo Freire em tempos de construção da resistência às relações capitalistas? Compreende-se que as referências freireanas fortalecem os movimentos e a organização da resistência, opondo-se às relações capitalistas, por abordar a educação como ato inerentemente humano na medida em que se constituem processos pedagógicos para a liberdade.

Como objetivos centrais, esse artigo visa: 1- abordar o lugar da educação para a liberdade na atuação política e intelectual de Paulo Freire; 2- destacar as influências do pensamento social na formulação de sua teoria crítica de educação; 3- identificar eixos teórico-políticos da resistência a partir da análise freireana de uma educação para a liberdade.

No desenvolvimento do artigo, as formulações de Paulo Freire foram apropriadas no sentido da compreensão da educação no contexto da correlação de forças, da luta de classes, das disputas por projetos educacionais e sociais no âmbito da sociedade capitalista, especialmente as de associação dependente e subordinada na divisão internacional do trabalho como o caso brasileiro. Realizou-se uma revisão bibliográfica que se fundamentou na análise de obras de Paulo Freire, de produções pautadas

na repercussão de sua atuação política e intelectual e de sistematizações teórico-metodológicas a partir do pensamento freireano. A resistência à exploração, à dominação, à opressão constitui-se como expressão da problematização econômico-social e ideopolítica do capitalismo.

O artigo está organizado em três partes. A primeira parte intitula-se “Da realidade do nordeste brasileiro ao contexto internacional: a educação para a liberdade na atuação política e intelectual de Paulo Freire”. Trata-se de articular a perspectiva educacional de Paulo Freire à construção da resistência na análise dos processos históricos que negam o protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras na produção da riqueza material e cultural da sociedade. Demonstra que a atuação política e intelectual do autor teve repercussão em movimentos sociais e educacionais de resistência brasileiros, latino-americanos, africanos e europeus, contribuindo, inclusive, para processos revolucionários. Critica as relações de exploração, de dominação e de opressão presentes na sociedade capitalista em que se situa a educação a partir de interesses unilaterais da formação voltada para o mercado de trabalho.

A segunda parte denomina-se “Influências do pensamento social na teoria crítica da educação de Paulo Freire”. Esta parte assinala a aproximação que a teoria crítica da educação de Paulo Freire estabeleceu com a formulação cristã, isebiana e marxista. Rompe com a educação bancária como expressão das relações de exploração, de dominação e de opressão na sociedade capitalista. Articula a influência cristã, isebiana e marxista a perspectiva educacional de diálogo entre educador e educando, que permite um processo de conscientização coletiva que se revela crítica da realidade concreta.

“Educação para a liberdade e eixos teórico-políticos da resistência” é a denominação da terceira parte. Analisa a abordagem metódica da educação para a liberdade em Paulo Freire. Relaciona a educação para a liberdade com os eixos teórico-políticos da autonomia dos sujeitos, da participação política, da cultura popular e da emancipação humana. Salienta esses eixos como referenciais da educação em Paulo

Freire, que contribuem para a construção da resistência na atualidade capitalista.

As referências freireanas guardam a educação como ato inerentemente humano. Essa perspectiva se confronta as condições da exploração, da dominação e da opressão, que impõem a educação bancária. Ao mesmo tempo, reforça a liberdade como fundamento ontológico do ser social, relacionando-se aos processos pedagógicos orientados pelo diálogo compartilhado de educadores (as) e educandos (as) que, coletivamente, resistem a dominação, buscam a democratização e potencializam a transformação.

## **I- Da realidade do nordeste brasileiro ao contexto internacional: a educação para a liberdade na atuação política e intelectual de Paulo Freire**

A abordagem da construção da resistência a partir das referências de Paulo Freire aponta para uma análise que se articula em termos da ruptura com o processo histórico da dominação, da produção cultural da vida dos trabalhadores e das trabalhadoras e da educação como ato de liberdade humana. Esses elementos marcaram o compromisso freireano junto aos movimentos sociais, bem como sua produção intelectual.

Nascido em 19 de setembro de 1921, a trajetória política e intelectual de Paulo Freire revelou um profundo reconhecimento das desigualdades presentes na sociedade brasileira. Especialmente em estudos como *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do Oprimido* (1987), destaca-se a identificação dos processos de dominação ideopolítica como expressões da negação do protagonismo de trabalhadores e trabalhadoras na produção da riqueza material e cultural.

Essas obras expressam a convicção de Paulo Freire na necessidade de ruptura com os processos de dominação. A convicção freireana indicou, também, um desafio: o de que a plena ruptura com a dominação só ocorreria com a conquista de vez e de voz como um ato educativo de resistência.

A atuação política e educacional de Paulo Freire guardou intrínseca relação com as concepções de mundo, os valores políticos, as tradições socioculturais populares no sentido da ruptura com os processos de dominação e da conquista da liberdade. Essa relação proporcionou experiências de educação popular ao longo de sua trajetória como os Movimentos de Cultura Popular, no início da década de 1960.

De família de pais trabalhadores do nordeste brasileiro, suas experiências de educador repercutiram pela potencialidade conferida a um projeto coletivo de educação e de sociedade de “conscientização das massas por meio da alfabetização centrada na própria cultura do povo”. (SAVIANI, 2008, p. 318) Como ressalta Brandão (2005), o diálogo estabelecido com educadores populares de norte a sul do Brasil, em um amplo universo de trabalhos pedagógicos, políticos e culturais, mobilizava artistas, estudantes, cientista, religiosos, tornando Paulo Freire uma referência essencial.

Cabe ressaltar que a atuação política e intelectual de Paulo Freire motivou seu exílio, pois a construção de um projeto coletivo de educação e de sociedade contrariava o processo de dominação recrudescido com a ditadura empresarial-militar brasileira de 1964. A denúncia ao ato educativo como dominação relacionava-se a crítica a conduta da burguesia brasileira, que se utilizava da força, da manipulação, do desrespeito para impor suas formas de sentir, pensar e agir no mundo. Em Pedagogia do oprimido, o autor afirma que denunciar a exploração, a dominação, a opressão implicava superar os limites e os obstáculos colocados aos movimentos e às reivindicações populares que pretendiam ampliar sua participação nos rumos econômicos e políticos do país.

Essa abordagem permitiu que a proposta educacional de Paulo Freire adquirisse um sentido universal pela sua capacidade de dialogar com as lutas que se confrontavam à dominação, ao não reconhecimento sociocultural e às violências contra a humanidade. As ideias e proposições de Paulo Freire encontraram ressonância na resistência de movimentos contra as ditaduras que se disseminavam na América Latina e contra as ações neocoloniais que ocorriam no continente africano. Confrontar-se ao

processo de dominação que, pela força das armas, renovava o sentido da dominação se tornava uma referência para as lutas que ocorriam pela libertação dos povos latino-americanos e africanos historicamente subalternizados no contexto da expansão dos interesses capitalistas.

Torres (1996) considera que os escritos freireanos surgiram em um período de intenso conflito político em que a luta de classes adquiriu força expressiva na América Latina. As disputas que ocorriam entre as frações da burguesia que buscavam consolidar a inserção dependente latino-americana ao capitalismo monopolista e a incipiente capacidade de organização da classe trabalhadora do campo e das cidades foram potencializadas entre os anos de 1960 e 1970.

Apesar de resultar em “coalisões burguesas que viram no golpe de Estado e no controle administrativo deste pelos militares a última chance de restaurar a ordem”, Torres (1996) observa que esse processo possibilitou o surgimento de movimentos populares revolucionários de distintas expressões e estratégias. Esses movimentos se apropriaram da proposta de Paulo Freire de uma educação como prática da liberdade de modo a possibilitar que educadores e educadoras se opusessem ao positivismo e ao pragmatismo educacional prevaletentes nos círculos educacionais latino-americanos.

Em relação à África, Torres (1996) salienta que os movimentos de resistência fortemente empenhados na descolonização assumiram um desenvolvimento educativo que buscou superar o objetivo de ‘des-africanização’ cultural. Isso permitiu, inclusive, a implantação de experiências de alfabetização de adultos, com a participação de Paulo Freire, em países como a Tanzânia, em que os processos históricos de ruptura com a dominação capitalista potencializaram experiências socialistas.

O intransigente posicionamento das referências políticas e intelectuais de Paulo Freire em relação à dominação contribuiu com movimentos em favor de uma educação libertadora também em países europeus marcados por processos históricos da dominação capitalista. Esses movimentos direcionavam-se aos trabalhadores e as trabalhadoras

do campo e da cidade, já que o autoritarismo, a violência e a desigualdade negavam sua condição de sujeitos.

Alcoforado e Ferreira (2017) salientam essa característica da influência dos contributos freireanos no período ditatorial que perdurou com o salazarismo em Portugal por 48 anos. Mesmo em um contexto político e cultural hostil ao pensamento crítico e a problematização da realidade, surgiam grupos que cultivavam a resistência, utilizando-se das ideias pedagógicas de Paulo Freire.

A oposição às inculcações externas e a defesa do trabalho comunitário como construção das condições transformadoras progressivas em favor da inclusão e justiça social propiciaram a capacidade de organização necessária que derrotou a ditadura salazarista, culminando na revolução de 25 de abril de 1974. Alcoforado e Ferreira (2017) identificam a articulação do Graal – organização cristã de vulto internacional com forte repercussão, sobretudo, na Europa e na América Latina – como um movimento que expressava esse processo, destacando a participação de estudantes e docentes nos centros urbanos, mas, sobretudo junto às trabalhadoras rurais portuguesas. Em Portugal, a mobilização e a organização das lutas sociais convergiram, como salientado pelos autores, para a perspectiva freireana de uma educação para a liberdade por compreender que sua concepção de mundo, sua perspectiva política e sua condição sociocultural refutavam a dominação.

Escritas durante o exílio, *Educação como Prática da Liberdade* (1967) e *Pedagogia do Oprimido* (1987) permitiram um alcance planetário das formulações de Paulo Freire, difundindo uma perspectiva emancipatória para a educação ao mesmo tempo em que configurava uma proposta pedagógica vinculada à realidade dos trabalhadores e das trabalhadoras. De acordo com Brandão (2005), a tradução de *Pedagogia do Oprimido* em países como os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Indonésia, Suécia, Holanda, Noruega, dentre outros, permitiu que educadores (as) eruditos (as) e trabalhadores (as) sociais pudessem ler, debater, aplicar um método fundamentado em pedagogias críticas e na perspectiva dos movimentos populares.



A partir das formulações de Brandão (2005), vale ressaltar que o momento de exílio de Paulo Freire foi importante para a difusão de sua perspectiva de educação, inclusive para os países cêntricos do capitalismo. Isso porque a tradução de suas obras, especialmente *Pedagogia do Oprimido*, aliada a atuação política no exílio na Bolívia, no Chile, em países africanos, mas também em países como Suécia e Estados Unidos, proporcionou que se propagasse seu reconhecimento internacional.

A partir da análise do significado das reflexões e das proposições freireanas para a ruptura com a dominação, pode-se considerar que sua atuação política e intelectual dialogava, e dialoga, com os processos históricos do capitalismo em torno do que Coutinho (2000) denominou como modernização conservadora. Em outros termos, Paulo Freire considerava que os avanços proporcionados pela industrialização conduziam a um processo de modernização que conservava a concentração do poder político-econômico das elites ao mesmo tempo em que negava as reivindicações de participação popular.

Nas palavras de Oliveira (2003), a modernização conservadora em sociedades de capitalismo dependente como a brasileira transformou latifúndios em empresas capitalistas, contribuiu para a financeirização da economia, ampliou as condições de mercadorização da vida. Ao promover uma estrutura industrial de grande porte, diversificada e impulsionadora de relações assalariadas no campo e na cidade, a modernização conservadora acentuava o barateamento da reprodução da força de trabalho por meio do êxodo rural das regiões do norte-nordeste para o sudeste e o sul do país. A constituição de um “exército de reserva” nas cidades, proveniente do êxodo rural, potencializava a acumulação capitalista industrial, gerando o subdesenvolvimento como a forma de exceção permanente do capitalismo dependente:

o mutirão é a autoconstrução como exceção da cidade, o trabalho informal como exceção da mercadoria, o patrimonialismo como exceção da concorrência entre os capitais, a coerção estatal como exceção da acumulação privada, Keynesianismo *avant La lettre*. (Oliveira, 2003, p. 131)

Segundo Oliveira (2003), a modernização conservadora estabelecida pela burguesia brasileira converteu reivindicações populares em concessões que minimizavam seu caráter emancipatório através de um acesso conduzido de maneira desigual, autoritária e seletiva. A ditadura empresarial-militar de 1964 consolidou as necessidades de acumulação capitalista e a manutenção do perfil histórico do Estado comprometido com o autoritarismo, o patrimonialismo e o privatismo.

Em termos educacionais, prevaleceu, como destaca Frigotto (1993), a teoria do capital humano que reduzia os processos escolares ou não à capacidade de agregar valor à força de trabalho. O prevalecimento da teoria do capital humano naturalizou o fracasso escolar, pois atribuía aos sujeitos pertencentes à classe trabalhadora a culpa pelas situações de analfabetismo, além de contribuir para a disseminação do preconceito.

Como nordestino exilado e comprometido com a superação dos processos históricos de dominação, a atuação política e intelectual de Paulo Freire repercutiu nos movimentos sociais e educacionais como contraposição ao capitalismo industrial que, em sua perspectiva de preparação da força de trabalho para a inserção no mercado, aprofundava a alienação humana. A perspectiva freireana que reforçou os movimentos de educação e de cultura popular atentava para o “desenraizamento do homem que migra do campo para a cidade, com a perda de suas tradições, com a sua exposição à demagogia e à manipulação pelos meios de comunicação de massa” (Paiva, 2000, p. 124).

A ideia de desenraizamento do homem vincula-se aos processos de mercadorização da vida em que sujeitos tornam-se objetos submetidos aos interesses de internacionalização da economia capitalista. A compreensão da educação como lugar de transmissão da cultura reveste-se de uma perspectiva de formação de subjetividades em que há valorização das experiências de humanização articuladas as condições objetivas de vida.

Essa articulação se expressa por meio de uma educação que forma sujeitos por meio de uma relação dialética entre experiências subjetivas e condições objetivas de vida, potencializando a criação e recriação de concepções de mundo, de valores políticos, de tradições culturais.

Concepções, valores e tradições que contribuem para a conscientização que rejeita a dominação e transforma a realidade:

O que pretende a ação cultural dialógica (...) não pode ser o desaparecimento da dialeticidade permanência-mudança (...), mas superar as contradições antagônicas de que resulte a libertação dos homens. (Freire, 1987, p. 112)

A educação compreendida como processo pedagógico sustentado pelo diálogo adquire centralidade no que Freire (1987) denomina como fase transitiva do homem. Essa fase busca superar o estágio de objeto manipulado por relações opressoras e alcançar uma situação de plena liberdade de consciência, agindo de modo ativo e responsável. A citação abaixo indica o caráter do processo transitivo para a humanização:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão para que seja práxis. (Idem, p.33)

O legado de Paulo Freire para uma educação crítica da cultura permite identificar contribuições para a construção da resistência em relação aos processos de dominação capitalista. Dentre essas contribuições destacam-se: a crítica às estruturas histórico-sociais e políticas, a ênfase na formação de sujeitos em contraposição à sua manipulação como objetos, a constituição de relações dialógicas pela valorização das experiências subjetivas em luta. Diante do exposto, cabe aprofundar a análise considerando as influências do pensamento social na formulação freireana de uma teoria crítica da educação.

## **II- As influências do pensamento social na teoria crítica da educação de Paulo Freire**

As formulações de Paulo Freire em termos de uma teoria crítica da educação retratam as influências do pensamento social ao longo de sua atuação política e intelectual. Dentre essas influências, se destacam os fundamentos do realismo pedagógico cristão, a perspectiva desenvolvimentista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e a aproximação com o marxismo.

Essas influências marcaram a atuação política e intelectual de Paulo Freire por seu potencial de análise crítica frente à realidade. A luta por condições de igualdade, os ideais de emancipação humana e de transformação social, a convicção democrática implicados no realismo pedagógico cristão, no desenvolvimentismo isebiano e na formulação marxista contribuíram para as proposições e ações da educação para a liberdade em Paulo Freire.

Orientada pelo realismo pedagógico cristão, pode-se considerar que a educação para a liberdade em Paulo Freire recusou a abstração liberal. Ao prefaciá-lo o livro “Educação como prática da liberdade”, Werffort (1967) aborda que a filiação existencial cristã permitiu que Paulo Freire concebesse a liberdade como o modo de ser o destino do Homem, mas que adquire sentido na história vivida pelos homens. A educação como dimensão humana viabiliza a concretização desse sentido histórico.

Agostini (2019) aborda que a vida e a obra de Paulo Freire guardaram estreita relação com o pensamento cristão. O autor salienta a influência de Tristão de Ataíde – pseudônimo de Alceu Amoroso Lima -, bem como de pensadores cristãos franceses como Maritain, de Bernanos, de Mounier, para indicar as afirmações de Paulo Freire em favor da “democracia participativa como forma de o povo ser senhor de si mesmo, garantindo-lhe autonomia, com forte presença do Estado no social.” (AGOSTINI, 2019, p. 77)

A partir dos pensadores cristãos franceses, Paulo Freire constitui sua concepção integral de ser humano. Essa concepção permite que Freire fundamente o conceito de relações como:

uma compreensão do humano enquanto um ser aberto a uma pluralidade de dimensões, aberto à transcendência, capaz de criticidade, de consequência e de temporalidade, o que distingue o ser humano da esfera animal, esta regida por puros contatos. O conceito de relações requer necessariamente o diálogo, outro conceito indispensável para a compreensão freireana de educação, o que o levará a ser vigilante a qualquer forma apequenada ou reducionista desta compreensão. (AGOSTINI, 2019, p. 81)

Outra influência no pensamento de Paulo Freire diz respeito a perspectiva do desenvolvimentismo constituída pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Agostini (2019) considera que o desenvolvimentismo isebiano cultivado por Paulo Freire se caracterizava pelo empenho na reflexão do Brasil como uma realidade própria, como problema principal, como projeto.

Em análise acerca das influências isebianas no ideário de Paulo Freire, Paiva (2000) destaca que a ideia de uma pedagogia existencial culturalista permitiu as formulações em torno da situação fundamental do homem. Pensar a situação fundamental do homem significava considerar o desenvolvimento nacional a partir da (re) construção de concepções, de valores e de tradições pautadas por níveis cognitivos, processos pedagógicos e práticas educativas orientados para a realidade brasileira em transformação.

Ao enfatizar as transformações do processo urbano-industrial brasileiro, Paiva (2000) identifica que as formulações freireana atribuíram a educação o lugar de apropriação de dispositivos mentais democráticos, capazes de alicerçar, pelo diálogo, um projeto de desenvolvimento para o país. A autora vincula a proposta educacional de Paulo Freire às expressões do pensamento social brasileiro, prevalecente no ISEB entre os

anos de 1950 e 1960, que pretendiam romper com as características arcaicas, rurais e autoritárias da sociedade pelo estabelecimento de relações modernas, industriais e democráticas.

Em *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire (1967) considerou que o ISEB representava essas transformações, potencializando a (re) construção de um arcabouço teórico-político em condições de proporcionar a produção de uma consciência nacional do desenvolvimento em favor da maioria da população brasileira. Combater a alienação das massas por um processo educativo pautado na libertação relacionava-se com a perspectiva do desenvolvimentismo que reconhecia a atuação do homem comum como sujeito na sociedade.

A aproximação em relação ao marxismo ocorreu pelo compromisso de Paulo Freire com as condições de exploração provenientes da sociedade capitalista, impondo a luta de classes como uma referência histórica para os processos de transformação social e emancipação humana. Apropriando-se das análises marxianas e marxistas, Paulo Freire buscou constituir uma teoria crítica e um método pedagógico para a libertação, envolvendo a educação nas contradições da totalidade.

Esse ponto de vista permitiu que Paulo Freire compreendesse, no decorrer de sua atuação política e intelectual, que a investigação histórica e social se configurava em referência central para uma educação e um (a) educador (a) voltado (a) para uma ação libertária em favor da humanização. Como sinaliza Agostini (2019), é possível encontrar em obras como *Pedagogia do Oprimido* citações a Marx e a marxistas como Giorg Lukács, Vladimir Lenin, Karel Kosik, Francisco Werffort, José Luís Fiori, dentre outros. A afirmação a seguir se refere à apropriação freireana de Marx para tratar de temas como a construção da subjetividade, o processo de alteridade, a transformação social:

quando Freire (2014b, p. 51) quer enfatizar que “não há mundo sem homens”, que “não há uns sem os outros, mas ambos em permanente integração”, menciona Marx com as seguintes palavras: “Em Marx, como em nenhum pensador crítico, realista,

jamais encontrará esta dicotomia. O que Marx criticou, e cientificamente destruiu, não foi a subjetividade, mas o subjetivismo, o psicologismo”. Segue-se a afirmação de que “transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens”. Citando Marx e Engels, na obra sobre “*A Sagrada Família e outros escritos*” (p. 6), Freire (2014b, p. 52) vai em busca do que possa ser a práxis autêntica, na relação dialética subjetividade-objetividade, destacando o texto “*Hay que hacer la opresión real todavia más opressiva añadiendo a aquella la consciencia de La opresión*”. (MARX; ENGELS, 1967, p. 6). Após esta citação, Freire (2014b, p. 52) assinala que “somente na solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível. (Agostini, 2019, p. 125-126)

A apropriação freireana de Marx e dos marxistas esteve entrelaçada com as influências cristã e isebiana, tendendo a constituir uma aproximação teórico-metodológica em termos de uma perspectiva de linguagem valorizadora do diálogo.

Freire faz referências teóricas diretas à literatura Marxista, incluso o próprio Marx, mas freqüentemente demonstra certa incoerência ao misturar e combinar uma variedade de conceitos que considera importantes para a pedagogia crítica mesmo se eles originam de posições teóricas diferentes ou conflitantes (tais como referências a Karl Popper e a sociedade aberta liberal, mas também a Georg Lukács e Eric Fromm). (FERNANDES, 2016, p. 482)

De todo modo, a pedagogia da libertação de Freire:

está enraizada nos princípios fundamentais do humanismo marxista, uma vez que visa superar a opressão através de um processo de conscientização crítica fundamentada na unidade dialética entre teoria e prática. (FERNANDES, 2016, p. 482)

O centro da apropriação freireana de Marx consiste no conceito de práxis como a reflexão na ação que potencializa o processo de conscientização dos sujeitos que, na transformação de suas experiências subjetivas de estar no mundo, tendem a transformar as condições objetivas da opressão pela realização de uma atividade revolucionária. Com base no conceito de práxis como reflexão na ação, a pedagogia da libertação de Paulo Freire relaciona-se com o Humanismo Marxista por buscar romper com a existência alienada, traduzindo-se como um processo de revolução. (FERNANDES, 2016)

As influências do pensamento social cristão, isebiano e marxista na teoria crítica da educação de Paulo Freire demonstram sua articulação com os movimentos e a organização de trabalhadores e de trabalhadoras em torno de conquistas sociais, da participação popular e da universalização dos direitos. Esses movimentos e essa organização expressavam processos educacionais que apontavam desafios e perspectivas em que a consolidação da transformação social tinha seus alicerces constituídos em uma proposta de educação com o povo.

Paulo Freire considerava a educação como uma prática social em que os vínculos com os interesses dos trabalhadores e das trabalhadoras conferia uma perspectiva teórica que rompia com os processos de dominação. A teoria crítica da educação apresentada por Paulo Freire buscava contribuir para a superação das condições ideopolíticas da dominação em que pontificava o caráter da opressão como opção para o prevalecimento do desenvolvimento econômico associado ao capitalismo internacional. (FREIRE, 1967)

A teoria crítica da educação buscava romper com as relações populistas, assistencialistas e autoritárias que criavam as condições de manipulação confirmadoras dos processos históricos da dominação. Na perspectiva de Paulo Freire, a educação cumpre a finalidade de desestabilizar os mitos conformadores de sujeitos em objetos sem historicidade. Essa desestabilização restabelece a liberdade de sujeitos históricos referenciados em uma:



transitividade crítica (...) a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não-recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições. (Freire, 1967, p. 60)

A intencionalidade política da teoria crítica da educação consistia no diálogo junto ao povo que proporcionasse a conscientização frente às marcas históricas do autoritarismo e da negação de sua participação decisiva na sociedade. Apropriando-se de autores como Caio Prado Jr., Freire (1967) enfatizou uma proposta educacional que pudesse produzir respostas aos problemas da participação política e do desenvolvimento socioeconômico.

A desigualdade e a negação da participação ao homem comum configuravam o contexto de resistência aos processos de dominação, tendo na teoria crítica da educação a base da construção democrática da sociedade brasileira. A leitura da palavra vinculada à realidade socioeconômica e ideopolítica brasileira potencializaria condições de democratização necessárias da crítica consciente, promotora de alternativas voltadas para a transformação. (FREIRE, 1967)

Isso significava que a teoria crítica da educação identificasse trabalhadores e trabalhadoras como criadores (as) e recriadores (as) de cultura. A ideia era de que, pelo trabalho, houvesse a compreensão da realidade a partir do compartilhamento das condições objetivas e das experiências subjetivas que envolvem a humanização do homem. (FREIRE, 1967)

Diante dessa compreensão da realidade, Paulo Freire sistematizou suas formulações em favor de uma educação para liberdade. Na próxima parte, a análise empreendida busca abordar as contribuições freireanas no que tange ao método, a disciplina, ao processo pedagógico. A partir dessa análise, vislumbram-se os eixos teórico-políticos que podem fortalecer ações para a resistência na educação e na sociedade.

### **III- Educação para a liberdade e eixos teórico-políticos da resistência**

As análises de Paulo Freire apontaram para a necessidade de superação da relação de opressão pela construção de uma educação para a liberdade. Fundamentada na democratização em que a conscientização crítica dos oprimidos potencializava a transformação, a educação para a liberdade atribuía centralidade às lutas coletivas para que pudessem refletir e agir, nas condições objetivas de vida e de trabalho, as alternativas a dominação. (FREIRE, 1987)

Vinculada às lutas coletivas dos oprimidos, a educação para a liberdade se contrapunha a concepção de educação bancária, forjada pela burguesia brasileira para perpetuar a dominação. Isso porque rejeitava o método em que o educando tornava-se objeto de um conhecimento linear, estático, reduzido a uma palavra descontextualizada das condições objetivas e das experiências subjetivas de vida e de trabalho. Decerto que, no contexto da concepção bancária de educação, mesmo o educador ocupava um lugar de objeto, impondo a transmissão de um conteúdo que assumiria nulo significado para o educando. (FREIRE, 1987)

Pode-se considerar que, a partir das formulações freireanas, problematizar a realidade consistia na prioridade estabelecida pela educação para a liberdade. Essa problematização da realidade requeria a substituição da concepção bancária de educação pelo diálogo compartilhado entre educadores e educandos, tornando-se sujeitos que adquirem possibilidades de transformação social pela compreensão da totalidade do real. Relacionar o conhecimento com as condições objetivas

e experiências subjetivas de vida e de trabalho implicaria, para uma educação para a liberdade, o restabelecimento do compartilhamento solidário, amistoso e comprometido de educador e educando, rompendo com a alienação. (FREIRE, 1987)

O autor de *Pedagogia do Oprimido* procurou sistematizar o diálogo entre educadores (as) e educandos (as) como compromisso educativo e político com o mundo. Significa dizer que o princípio do diálogo consiste, na educação para a liberdade em Paulo Freire, na criação de uma relação de companheirismo, de empatia, de confiança em que o princípio do diálogo resiste à opacidade da palavra lida com ingenuidade porque afastada da realidade dos trabalhadores e das trabalhadoras. Pelo diálogo, a perspectiva freireana é a de superar os negacionismos que instalam o anti-diálogo, a desesperança, o medo, proporcionando a dominação. (FREIRE, 1987)

Diante do sentido do diálogo entre educadores (as) e educandos (as), Paulo Freire frisou a importância do conteúdo programático da educação. Em *Pedagogia do Oprimido*, suas formulações insistiram na condição de que esses conteúdos guardassem relação com os problemas econômicos, sociais, políticos que marcavam operários (as) e camponeses (as). (FREIRE, 1987)

Vale ressaltar que essa preocupação de que os conteúdos da educação adquirissem potencialidade problematizadora diante dos desafios e das reivindicações populares se manteve em *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Isso porque afirmava a valorização docente pelo rigor metódico, pela capacidade investigativa, pelo respeito aos educandos na definição crítica, significativa e compartilhada do conhecimento pautado no reconhecimento sociocultural, na conscientização das práticas sociais, na intervenção no mundo sempre em uma perspectiva histórica. (FREIRE, 1996)

A perspectiva da investigação permitiu a Freire (1987) atribuir aos temas geradores um lugar fundamental a apropriação das situações limite provocadas pela dominação, fortalecendo as concepções de mundo, os valores políticos, as condições socioculturais potencializadoras da

transformação. Na investigação, a identificação das experiências de vida, das contradições do processo, dos desafios societários era considerada central na construção coletiva de educadores (as) e educandos (as), colocando a necessidade constante de avaliação da proposta educativa pelo movimento de (re) apropriação da realidade.

Diante das considerações, pode-se salientar que educar para a liberdade significava resistir à dominação pela colaboração, pela união, pela organização e pela síntese cultural dos trabalhadores e das trabalhadoras. (FREIRE, 1987) Essas considerações permitem desenvolver uma análise em termos dos eixos teórico-políticos que as referências em Paulo Freire possibilitam constituir para auxiliar na resistência aos enfrentamentos presentes. Em síntese, esses eixos são a autonomia dos sujeitos, a participação política, a cultura popular e a emancipação humana.

A abordagem freireana da autonomia como a responsabilidade coletiva dos sujeitos a partir de uma intervenção político-educativa decisiva na sociedade revela-se central para a construção de movimentos de resistência na atualidade. Isso porque fortalece a construção solidária em que as concepções de mundo, as perspectivas socioculturais e o pluralismo de valores se expressam pela livre expressão e ação dos sujeitos frente aos desafios postos pelas desigualdades. A autonomia constitui-se como uma relação de sujeitos que, em construção coletiva e solidária, resistem às relações autoritárias, hierárquicas e monopolizadoras presentes na sociedade.

Pela perspectiva freireana, a autonomia configura-se como um princípio para os movimentos de resistência por superar as condições manipuladoras que preservam relações assimétricas, favorecem interesses particulares, limitam os processos de democratização. Como expressão da práxis como ação reflexiva, a autonomia significa resistir com base em uma perspectiva propositiva de assumir a direção ético-política da sociedade.

As formulações freireanas contribuem para que o processo político-educativo de construção da resistência se oriente pela realidade

concreta dos sujeitos em que o diálogo exerce lugar central na conscientização pela livre manifestação de ideias, de ações e de projetos. A autonomia revela-se, portanto, como uma conquista que se desenvolve a partir de um processo pedagógico pautado em condições de igualdade na diversidade. É preciso considerar que:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (Freire, 1996, p. 13)

A participação política caminha ao lado da autonomia dos sujeitos na construção da resistência referenciada em Paulo Freire. Seu sentido envolve compartilhar o poder de maneira coletivamente organizada, superando as práticas assistencialistas, os interesses corporativistas, as restrições da democracia ao momento do voto.

Ampliar o poder decisório requer, da participação política, envolver todos e todas na superação das condições de desigualdade que marcam a opressão. Como já ressaltado ao longo deste texto, a burguesia brasileira optou por uma dominação em que as condições de desigualdade se impuseram pela negação da participação política, retendo os processos de democratização que pretendiam a socialização dos bens materiais e culturais da sociedade.

Referindo-se aos mecanismos que perpetuam o negacionismo, o autoritarismo, o elitismo nos processos decisórios, a abordagem de Paulo Freire situa a construção da resistência no compromisso, na organização,

na reivindicação de trabalhadores e trabalhadoras como estratégica para a democratização. A perspectiva freireana contribui para resistir à concepção dominante que reforça determinantes de ordem econômica, política, social e cultural para justificar os atos de negacionismo, de autoritarismo e de elitismo que recusam a participação política por meio da opressão. Ao mesmo tempo, salienta que democratização se constitui como uma práxis, sem seguir fórmulas, programas e projetos pré-estabelecidos, mas como a reflexão crítica, solidária e justa em favor da classe trabalhadora.

Pode-se considerar que a educação para a liberdade sistematizada por Paulo Freire constitui-se como uma dimensão importante do debate acerca da participação política. Isso porque observa a necessidade de superar as formas de sentir, de pensar e de agir da opressão pela potencialidade que homens e mulheres passam a desenvolver, pelo diálogo, a conscientização do processo de intervenção sobre as condições, desafios e perspectivas colocadas pelo real.

Romper com o domínio da palavra descontextualizada que viabiliza relações de opressão se constitui pela conquista de um posicionamento dos sujeitos no mundo. Expressar a leitura da palavra pela compreensão do mundo resiste a uma formação dominante no contexto da sociedade capitalista que reduz os sujeitos a mercadoria. A citação a seguir demonstra os vínculos da participação política com um processo educativo voltado a liberdade

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (Freire, 1987, p. 45)

Como importante dimensão da construção da resistência, pode-se considerar que a concepção de cultura popular em Paulo Freire reforça a

perspectiva de que trabalhadores (as) formulam projetos intelectuais por se inserirem nas condições sociais de produção e reprodução do pensamento e da ação humanas. Seguindo essa linha, as referências freireanas de construção da resistência cumprem duas dimensões articuladas em torno da cultura popular.

Em primeiro lugar, empenha-se na organização da produção e reprodução dos significados e dos valores dos grupos sociais em contextos de opressão. Articulada a essa organização, revela-se como campo de luta que, na direção da democratização, potencializa a transformação social.

Referenciada na perspectiva freireana, a cultura popular fortalece a resistência de trabalhadores e trabalhadoras por evitar separações mecânicas entre as formas de sentir, pensar e agir no mundo e os poderes econômicos, políticos e ideológicos presentes na sociedade. Em outros termos, a construção da resistência busca compreender o entrecruzamento entre os poderes econômico, político e ideológico e a expansão cultural, permitindo revelar que a luta por seu sentido democrático contribua para a transformação social.

Em termos educacionais, a abordagem freireana de cultura popular permite considerar que a resistência aos processos de dominação requer considerar a linguagem e a comunicação como forças sociais, o diálogo como uso crítico e criativo dos signos, as formas do emergente no processo democrático. A educação para a liberdade adquire lugar central na articulação das questões culturais. Isso porque compreender e desvelar as relações de opressão configura-se como tarefa primordial que visa contribuir para a apropriação e reapropriação do conhecimento por parte das classes trabalhadoras.

Ao abordar a cultura popular, Freire (1981) conceitua ação e revolução cultural. Como expressões da ruptura com a cultura dominante e o silenciamento provocado pela opressão, ambas as dimensões conceituais “têm na ‘dialética da sobredeterminação’ a sua explicação necessária”. (Freire, 1981, p. 69). Além disso, buscam superar o processo de conscientização com base em pressupostos idealistas, assumindo “a forma

radical de ser dos seres humanos”. (Idem) Essa convergência conceitual indica que a ação e a revolução cultural:

implicam na comunhão entre os líderes e as massas populares, como sujeitos da transformação da realidade. Na revolução cultural, porém, esta comunhão é tão íntima que líderes e povo se tornam um só corpo em permanente processo de autoavaliação. (Idem)

Como uma expressão das referências freireanas, a emancipação humana consiste em uma abordagem importante em termos da construção da resistência. Paulo Freire salientava que a luta contra a mistificação, a alienação, a inculcação ideológica significava oferecer ao gênero humano condições de superar uma totalidade social marcada por contradições que se manifestavam na desigualdade, na exploração, na opressão.

A perspectiva de luta de Paulo Freire implica em resistir às relações estruturais da sociedade capitalista, engendrando a resistência como princípio da transformação radical do processo histórico. Ao mesmo tempo em que a resistência se estabelece como princípio da transformação radical do processo histórico, concebe a emancipação humana no âmbito da práxis consciente e coletiva de sujeitos livres e autodeterminados frente à realidade.

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser Mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem. (Freire, 1968, p. 33)

Pode-se considerar que Paulo Freire buscou localizar a atividade educativa como resistência voltada à emancipação humana. Nesse sentido, as convicções freireanas colocaram desafios para que a resistência articulasse a educação com um sentido emancipatório. Esses desafios abordavam a educação como: envolvida com as lutas dos trabalhadores e trabalhadoras; potencializadora de um saber que fortalecesse o poder



político popular; compreendida como dimensão humana; produtora de um conhecimento vinculado ao mundo real; construtora da humanização como tarefa transformadora da sociedade.

## **Conclusão**

Paulo Freire se tornou uma referência significativa para a construção da resistência frente às condições de desigualdade presentes na sociedade capitalista, que se perpetuam pelas relações de exploração, de dominação, de opressão. Seu destaque ao protagonismo dos explorados (as), dominados (as), oprimidos (as) na conquista da liberdade motivou uma atuação política e intelectual que ofereceu centralidade a educação como constituinte e constitutiva da sociedade.

Comprometido com os interesses, trajetórias e projetos populares, o autor formulou uma teoria crítica da educação que se confrontasse às condições de cerceamento da liberdade. Pelo diálogo crítico e consciente com trabalhadores e trabalhadoras, Paulo Freire constituiu proposições e ações em torno de uma educação para a liberdade, resgatando a autonomia dos sujeitos, a participação política, a cultura popular, a emancipação humana para a mobilização e organização coletiva.

O atual contexto dos processos de exploração, de dominação e de opressão na sociedade capitalista se mostra distinto daquele em que Paulo Freire exerceu sua atuação política e intelectual. As desigualdades geradas pela acumulação capitalista intensificaram a precarização das condições de vida e de trabalho, ampliando, para lembrar Fernandes (2006), o fosso entre ricos e pobres.

O dilaceramento das condições de vida e de trabalho afetou, inclusive, a capacidade de mobilização e organização dos trabalhadores e das trabalhadoras. As tradicionais representações da classe trabalhadora, como os sindicatos, foram fragilizadas pelo desemprego estrutural, pela perda de direitos, pela reestruturação produtiva.

As convicções em projetos desenvolvimentistas de sociedade tornaram-se expressão de manipulação econômico-social e ideopolítica

diante da dimensão planetária da crise capitalista. Como ressaltam autores como Mézszáros (2005), a barbárie predominou nas relações capitalistas pelo acirramento da exploração, da dominação e da desigualdade.

No contexto de crise em que a burguesia em escala mundial busca preservar seus interesses de acumulação, as reações da dominação foram potencializadas por movimentos e organizações de caráter golpista, autoritário e neofascista, ratificando o negacionismo, o obscurantismo, a violência como formas de anular a resistência. Cabe frisar que as ideias, as proposições e as ações referenciadas em Paulo Freire também foram atacadas por esses movimentos e ações.

Na educação e na sociedade brasileira, houve o fortalecimento desses movimentos e ações a partir de organizações de ultradireita como o Escola Sem Partido. Ao se confrontar a perspectiva educacional de Paulo Freire, essa organização recusava a liberdade de cátedra em uma evidente demonstração de cerceamento ideopolítico na relação entre educadores (as) e educandos (as) desenvolvida no processo pedagógico. O Escola Sem Partido contribuiu, significativamente, para alastrar ações negacionistas, obscurantistas e persecutórias da resistência.

Em que pese as dificuldades impostas a resistência, as contradições sociais permanecem desafiando a capacidade de mobilização e organização classista no que tange ao estágio atual das forças da exploração, da desigualdade, da dominação capitalista. Diante dessa atualização, referenciar-se nas ideias, proposições e ações freireanas significa analisar os fundamentos ontológicos do ser social, em especial a condição de liberdade necessária ao processo de humanização.

Isso requer considerar a educação e a perspectiva pedagógica para a libertação a partir de uma abordagem problematizadora das práticas sociais, reconhecendo que a ação intencional de educador (a) e de educando (a) ocorre pelo diálogo, pela construção coletiva, pela consciência crítica da realidade concreta. A contribuição freireana em torno de uma educação para a liberdade mantém viva a compreensão da educação como ato inerentemente humano, podendo se aliar, portanto, as

proposições e ações de resistência pela disputa em torno da valorização do conhecimento significativo no âmbito da sociedade.

### Referências:

AGOSTINI, Nilo. *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ALCOFORADO, Luís; FERREIRA, Sónia Mairos. *Paulo Freire na Universidade de Coimbra*. Memórias e significações de um tempo de fé e ação. In: ALCOFORADO, Luís; FERREIRA, Sónia Mairos; BARRETO, Denise Aparecida Brito. *Diálogos freireanos: a educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1326-0>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire: educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES, Sabrina. *Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução*. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 37, nº 135, p. 481-496, abr.-jun., 2016. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016140795>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento, 1987.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. São Paulo: Cortez, 1993.

MÉSZÁROS, Istvan. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista. O ornitorrinco.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista.* São Paulo: Graal, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil.* 2ª edição, Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TORRES, Carlos Alberto. *A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual.* In:

GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia.* São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.

Data de registro: 12/03/2021

Data de aceite: 19/01/2022